

A HISTÓRIA ECONÔMICA EM DEBATE NO REGIONAL E LOCAL

Franciane da Silva Sousa

Graduanda em Licenciatura Plena em História (UEG –UnU/Itapuranga).

francyanesouza@hotmail.com

Nádia Maria de Jesus

Graduanda em Licenciatura Plena em História (UEG –UnU/Itapuranga).

nadiamj0907@hotmail.com

118

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise da economia regional e local, as suas representações no cotidiano das pessoas e as possíveis mudanças ou permanências no estilo de vida da população. Conforme a proposta apresentada o trabalho terá como princípio o estudo do crescimento da população, a distribuição dos recursos e as tecnologias disponíveis aos grupos humanos que vão refletir nos moldes econômicos regionais. A partir deste ponto será possível entender as raízes da economia e o desenvolvimento econômico regional porque em uma sociedade capitalista a economia é o ponto central para entendermos a trajetória e a atualidade da economia local. Utilizaremos fontes cartoriais e a oralidade para resgatarmos a história econômica local, e no decorrer do trabalho citaremos BORGES, 1990; CARDOSO e BRIGNOLI, 1992; CARDOSO e VAINFAS, 1997; HALBWACHS, 1990; PESSOA, 1999 e THOMPSON, 1992 como embasamento e aporte teórico.

PALAVRAS-CHAVE: Economia; Regional; Local; Itapuranga.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the regional and local economy, its representations in everyday life and possible changes or stays in the lifestyle of the population. According to the proposal submitted work will study the principle of population growth, the distribution of resources and technologies available to human groups that will reflect the regional economic molds. From this point it is possible to understand the roots of the economy and regional economic development because in a capitalist society the economy is central for understanding the history and relevance of the local economy. We will use notary supplies and orality we rescue to local economic history, and in this work we will mention Borges, 1990; CARDOSO and BRIGNOLI, 1992; CARDOSO and VAINFAS, 1997; HALBWACHS, 1990; PESSOA, 1999 and THOMPSON, 1992 as foundation and theoretical framework.

KEYWORDS: Economy; Regional; Local; Itapuranga.

Através dos tempos ocorrem mudanças nas paisagens e nas relações sociais e culturais de determinados espaços rurais e urbanos que constituem uma comunidade, uma aldeia e cidades. Podemos perceber a economia de um local, quer seja voltada a uma determinada atividade, e logo imaginá-la em seus primórdios como uma atividade comum e

constante, mas na maioria dos casos, há uma diversidade dinâmica no decorrer do tempo. Pensando nisto, nosso trabalho visa analisar a economia regional do município de Itapuranga, quais as permanências e mudanças que prevaleceram na vida da população. Todo esse processo de produção influenciou a vida dos homens e mulheres que viveram nessa região de fronteira agrícola, e seduziu o olhar de novos moradores, estimulando a vinda de pessoas de locais diferentes. A região do município de Itapuranga abriga variados grupos de pessoas vindas de outros estados, como Minas, São Paulo e Bahia. Contraste que também é observado e notado na vida comercial, nos gostos e nos produtos produzidos na região. A maioria dos entrevistados de nossa pesquisa veio de outros lugares, de outras cidades em busca de melhorias, seduzidos por terras baratas e férteis onde começariam uma vida mais abundante.

Desta forma é evidente que toda cidade surge por uma necessidade comum de um grupo de pessoas. O que esse grupo de pessoas tem em comum são suas tradições, costumes e vida econômica, assim uma das formas incontestáveis de estudar os primórdios de uma cidade é através de sua história econômica, que leva o pesquisador a voltar as raízes de fato do surgimento do povoado, das vilas e posteriormente do município.

A partir desta afirmativa iremos tentar perceber a relevância da história econômica na construção do debate historiográfico, e dar sustentação ao uso desta na construção da história de uma cidade. Em todas as ciências humanas há um intercâmbio entre diversas disciplinas, pois existe uma interdependência comum entre os ramos que conversam entre si e completam as informações carentes uma da outra, sendo que um desses intercâmbios ou inter-relações está a ligação indispensável entre a história econômica, a história social, política e cultural, e Szmrecsányi (1992) afirma que a história econômica só pode ser adequadamente estudada na medida em que tiver como pano de fundo o processo histórico como um todo, e não apenas seus aspectos econômicos. Porque o principal interesse da história econômica está na identificação dos mecanismos da mudança econômica e social. Entendemos que estas mudanças não são referentes apenas ao passado vivo, mas particularmente são representadas no presente e no futuro, pois estes são apenas um reflexo evidente do processo ocorrido em tempos passados.

A teoria vem ser o “meio” que o historiador utiliza para elaborar e fundamentar sua pesquisa. Então, a história econômica precisa antes de tudo apoiar-se na teoria econômica, para dar validade aos seus resultados de estudo e da mesma forma utilizar a economia aplicada, ter acesso aos meios de produção, a evolução dos técnicas de produção e para isso

devem se basear em documentos diversos e fontes ou dados indiretos que muitas vezes se contradizem e se confundem, e é nessa hora que a economia aplicada aparece como guia e serve de auxílio na construção de um raciocínio mais concreto dessas fontes e dados.

Mas nem só de teoria se faz a história da economia, mas também de relatos, de lembranças, da memória viva de um povo, e é essa abordagem econômico-cultural que lançamos mão a fim de demonstrar que a leitura do econômico seja importante para conhecer a relação de todo este percurso social, cultural e político destes atores sociais. Pensando a história econômica nesse viés, é possível inovar, pois com a Nova História proposta pelos Annales, amplia a noção de documento e possibilita-nos utilizar fontes e métodos até então não permitidos. A própria História Econômica sofreu mudanças com as gerações dos Annales, sendo que a partir da terceira geração deixa de ser uma ciência puramente econômica e torna-se uma ciência humana, inseparável da História.

A História Econômica nos fornece elementos para uma análise e compreensão do presente através dos relatos e narrativas das pessoas que conviveram com as mudanças e permanências nas estruturas sócio-econômicas.

Percebe-se que a economia de um local se reflete nos modos de vida e crescimento das cidades, pois sempre houve uma mudança dos modelos tradicionais aos modernos que constituem a sociedade. Isso gera uma adequação de espaço e classificação dos comércios existentes a fim de atenderem ao crescimento e as necessidades populacionais. Uma sociedade cresce com o ritmo de industrialização e economia a que é submetida, é um reflexo fiel das relações comerciais existentes antes e durante o recorte histórico a que se está estudando e que faz parte da eventual pesquisa.

Utilizando desses conhecimentos sobre a história econômica e sua relevância para o estudo das cidades, intentamos em escrever sobre a história econômica de Itapuranga, cidade do interior de Goiás, que conforme o Senso 2010 consta com 26.085 habitantes, ocupando o 38º lugar em número de habitantes do Estado de Goiás. A proposta é investigar o surgimento da vida comercial no Distrito do Xixá, que antes pertencia a Cidade de Goiás, e que mais tarde seria emancipada se tornando a cidade de Itapuranga (1953). Através de fontes de registros cartoriais do ano de 1955 a 1968, e da oralidade e memória dos pioneiros itapuranguenses iremos analisar a necessidade que logo tornaria o econômico essencial para a sobrevivência dos povos e conseqüentemente o crescimento e desenvolvimento do município.

Entre os principais interesses em estudar a História Econômica de Itapuranga está a identificação e os resultados das mudanças e permanências econômicas sociais deste determinado espaço. Porque as mudanças ocorridas através do tempo se refletem no presente e no futuro? E estas bases historiográficas da economia podem esclarecê-las e sendo assim é uma fonte inesgotável e insubstituível na pesquisa?

Desse modo ela só pode ser estudada adequadamente levando se em conta o processo histórico como totalidade e não somente os aspectos econômicos. Estudar não somente seu objeto principal, que são as atividades econômicas, mas também analisar as estruturas da economia, a base econômica, os meios de produção, a produção agrária e rural e os sistemas de classificação. Em uma sociedade capitalista a economia é o ponto central para entendermos a trajetória e a atualidade da economia local. A partir das conjunturas econômicas, a análise dos movimentos, elevações ou quedas da produção é possível notar que há também uma conjuntura social evidente pelas relações de grupos sociais que a influenciam. Como a História Econômica não é factual, há a necessidade de ciclos repetitivos, a conjuntura econômica caracteriza-se pela repetição, que as tornam cíclicas, de onde surge o termo “ciclos econômicos” para apontar determinadas ocorrências repetitivas no movimento econômico. E são exatamente estes ciclos econômicos e seus movimentos que possibilitam o seu estudo. Dentre estes ciclos ou movimentos um dos fatores que podem intervir, são as inovações, que de modo geral, tanto tecnológico mudam as relações de caráter sócio-econômico de uma sociedade. Apesar de tudo isso não pode ser buscada sua compreensão baseando-se unicamente em dados econômicos puros, pois a economia não é a única responsável pelas mudanças estruturais de uma sociedade.

Vilar (1960) citado por Fragoso (1997) diz que o crescimento humano, seus saltos, suas hesitações, suas desigualdades, seus conflitos, requerem [...] uma análise histórica global, não uma análise muito segura de si mesma no que se refere aos mecanismos econômicos puros.

Wolff citado por Mendes (1992) escreve que “Nós já não acreditamos na possibilidade de isolar o econômico, assim como o social. Todo o estudo de uma sociedade, dum grupo humano deve fazer-se simultaneamente sob este duplo ponto de vista.” Visto que as relações sociais e muitas vezes políticas vão influenciar no quadro de estabilidade, e não é só o aspecto econômico que move o ser humano.

Uma vez que estas teorias estão inter-relacionadas, são capazes de trazer à tona as respostas e dúvidas acerca da trajetória dos comércios e as relações e representações produzidas pela memória de seus contemporâneos. Como fontes, podem ser utilizados documentos de arquivos municipais ou distritais, registros cartoriais, fonte oral e memorial, e são justamente estas fontes que iremos trabalhar para escrever sobre a história econômica da cidade de Itapuranga.

Como vimos demonstrando, a História Social está ligada diretamente com a econômica, de modo que não há como separá-las, esta é entendida como a história do homem no tempo, que também vai abranger quantitativa, demográfica, política e outras. Engloba as hierarquias sociais como suas bases econômicas e o poder econômico, desse modo seu estudo é abrangente e não se limita em apontar características comuns de classes sociais, mas principalmente estudar as estruturas e conjunturas que são vividas de forma diferente pelos grupos sociais. Porque determinadas mudanças no ciclo econômico, como por exemplo a alta do preço de um agrotóxico é sentido de forma diferente por um comerciante e um agricultor, são estas repercussões que se tornam centro da história social. A maioria dos conflitos sociais são derivados da ordem econômica.

O desenvolvimento da economia reflete em mudanças de vida para os grupos sociais, que podem ser positivos ou negativos. E estas são sentidas de forma diferente por cada setor econômico, pois os grupos sociais são divididos geralmente em classes econômicas ou mesmo classificação sócio-profissional. Qualquer movimento econômico é visto de forma diferente por cada grupo, que pode ser favorável ou desfavorável aos seus interesses.

Embasando também na história oral como método histórico buscamos relatos de pessoas que vivenciaram esses ciclos econômicos e as mudanças e permanências no setor econômico e social da cidade de Itapuranga. Explorando a memória dos contemporâneos, há a possibilidade de perceber as representações feitas a partir desse contexto. Como as transformações nos meios de produção e relação entre as pessoas foram notadas e traz a possibilidade de perceber o percurso pelo qual caminhou a economia ou os ciclos econômicos dessa determinada cidade. Com seu valor indispensável, a História Oral é um dos métodos mais utilizados em pesquisas historiográficas, e as fontes orais nos possibilitam conhecer ou até recuperar fatos perdidos na história e que é um dever do historiador:

Não só ao poeta, mas também a historiadores incumbe recuperar lágrimas e risos, desilusões e esperanças, fracassos e vitórias, fruto de como os sujeitos viveram e

pensaram sua própria existência, forjando saídas na sobrevivência, gozando as alegrias da solidariedade ou sucumbindo ao peso de forças adversas. (Vieira,1989. p.12)

E como a memória está relacionada à oralidade pode ser uma grande aliada na coleta de fontes, como Halbwachs (1990) diz em “A Memória Coletiva”: “Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento...” (p.25).

Dentro do ambiente da historia econômica podemos observar a relação que possui entre a história social, política e cultural de uma cidade, então só podemos estudar a historia econômica de uma determinada cidade se tivermos pano de fundo o processo histórico da cidade como um todo não apenas seu aspecto econômico, isso porque devemos ver quais transformações que essa cidade sofreu em determinadas áreas através do tempo, e dessas mudanças ocorridas é que podemos perceber as consequências e o mecanismo das mudanças econômicas e sociais. Podemos pensar que as transformações e mudanças ocorridas através do tempo só se referem ao passado, mais acabamos nos enganando, pois acaba refletindo no nosso presente.

Quando falamos de história local devemos lembrar que diz respeito a uma ou poucas cidades ou aldeias pequenas ou médias, pois a história local se origina de um novo interesse por essa determinada cidade ou aldeia, ou seja, a história daquela sociedade como um todo, então, ao estudarmos a história econômica dessa aldeia ou cidade, devemos analisar o processo de produção, distribuição e qual os principais produtos comercializados nessa sociedade através dos tempos.

Diante do exposto, podemos verificar que o econômico se relaciona com inúmeras outras ações humanas, levando-nos a compreender o que se viveu ou vive, dar uma analisada nas condicionantes sociais, culturais e políticas de uma sociedade. A transferência da capital do estado para Goiânia; a chegada da estrada de ferro a Anápolis, permitindo o adensamento populacional do sul; a programação da expansão agrícola pelo governo federal com a criação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás, em 1941; e a escolha do planalto central, por determinação da Constituição de 1946, para sede da nova capital do Brasil, concretizada com a inauguração da eletrificação, empreendida pela Celg com recursos do estado, contribuiu para o aceleração da urbanização e o início da industrialização do estado de Goiás que

passou a ter maior aproveitamento de suas riquezas extrativas e dos produtos agrícolas, aumentando a produtividade agrícola e a procura de novas terras no interior do estado.

A partir destes primeiros debates percebemos que a história econômica de Goiás e sua interiorização está relacionada diretamente a implementação da estrada de ferro de Goiás e a marcha para o Oeste. Segundo Pessoa:

[...] as verdadeiras razões da Marcha para o Oeste foi a abertura de frentes fornecedoras de produtos alimentícios mais baratos para os centros urbanos emergentes e a contenção de conflitos sociais já verificados em outras regiões do país, direcionando os excedentes populacionais para os vazios demográficos existentes. (1999. p.47)

Com a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília, o impacto econômico e político no estado foi algo considerável, pois acelerou o ritmo migratório e a ocupação de novas terras. Essa marcha fez com que vários mineiros viessem em busca de melhorias e terras baratas. Uma economia de perfil capitalista que irá seduzir pessoas e fazer com que haja intenso deslocamento no tempo e no espaço, onde surgiriam novas cidades e novas economias: “[...] só o capital, com seus meios técnicos, é capaz de tais milagres” (Luxemburg,1970). A Estrada de Ferro foi uma das principais responsáveis pelas mudanças econômicas do Estado de Goiás, segundo Borges (1990) ela foi o primeiro meio de transporte e comunicação moderno do estado, servindo como via de integração da economia regional com a economia capitalista em expansão no País. A partir de então o estado vivenciou mudanças significativas na economia, amparado na produção agrícola que antes era de subsistência, agora passava a produzir em larga escala a fim de atender os mercados consumidores dos outros estados, em principal do Centro-Sul. Tendo o arroz como sua principal produção agrícola, e a pecuária como principal atividade, Goiás se lançou na economia capitalista como grande exportador.

Financiados pelo crédito rural, o agricultor tinha “parceria” com as cerealistas para cultivarem os seus produtos que depois eram vendidos a baixo custo aos seus financiadores, o que os deixavam em desvantagem e propiciava o acúmulo do capital por parte das cerealistas. Foi neste tempo que o comércio com o Triângulo mineiro se intensificou.

Em meados do século XIX a pecuária tirou Goiás do estado de marasmo, o gado se tornou mercadoria e transporte. Isso determinou a ocupação das regiões mais dinâmicas

como o sudoeste e norte. Então com a pecuária em alta e com grandes índices de exportação dos produtos agrícolas no estado de Goiás, houve um intenso fluxo de imigrantes, conforme Borges nos mostra, “Paulistas e mineiros, pressionados pela elevação do preço da terra em seus Estados, resultante da marcha do café, penetraram em Goiás à procura de terras para criação e agricultura”. (1990.p.105).

Conseqüentemente esses mineiros e paulistas adentraram o estado de Goiás e em sua maioria procuravam terras no interior do estado as quais pudessem ter acesso por baixo preço, visto que as terras próximas da Estação de Ferro eram mais caras e valorizadas, este fluxo de imigrantes fez com que novas cidades surgissem, novas economias nasceriam a partir de então.

O tipo de agricultura utilizado geralmente era o de rotação de terras, onde trabalhavam uma determinada faixa de terra e frequentemente usam as queimadas para a limpeza destas, o que a empobrece, pois eliminam seus nutrientes, fazendo-se a necessidade continuada de procura de novas terras, levando o produtor agrícola a se retirar para outras regiões ainda não exploradas e formando novos povoados e logo, cidades.

É neste contexto que podemos situar a cidade de Itapuranga no estado de Goiás. Por volta de 1930 surgiria o povoado do Xixá, e paralelamente inicia-se a movimentação econômica, os primeiros sinais da economia através das “barganhas” ou trocas, seguidamente surgem os primeiros bares, armazéns de gêneros variados, que geralmente se adequavam à necessidade dos cidadãos daquele tempo. Uma economia que mudaria com o passar dos anos, mas que deixa lembranças na memória de seu povo, e que nos mostrará os caminhos ao qual percorreu até se tornar a economia que hoje conhecemos.

A cidade de Itapuranga nos dias atuais, tem sua economia voltada para o comércio e monoculturas de cana de açúcar, eucaliptos, maracujá, pimenta e mamão, entre outras em menor escala. Ainda resiste, algumas plantações agrícolas de subsistência, como arroz, feijão, milho e mandioca. Também voltada para fins lucrativos há moradores das regiões rurais que produzem hortaliças para serem comercializadas na famosa Feira do Produtor Rural que acontece todas as quintas feiras, das 17 às 19 horas, no centro da cidade.

Mas o pequeno povoado, distrito da cidade de Goiás, que surgiu em meados da década de 1920-40, tinha um comércio particularmente diferente do que ocorre hoje. Nesta época prevalecia a agricultura de subsistência, os moradores do povoado plantavam aquilo que necessitavam e só compravam o que não podiam produzir, comercializavam a “sobra” do

que produziam, ou mesmo trocavam com outros moradores os produtos que tinham. Na maioria dos casos o processamento de muitos alimentos e vestuários eram feitos nas casas pelas mulheres, que “socavam” o arroz no pilão, para tirar a casca, as cobertas eram fabricadas nos teares manuais, em um lento processo que ia desde o plantio e a colheita do algodão, passando pelo “descaroçador”, engenhoca pela qual se retiravam as sementes do algodão, pelas cardas, rodas e logo mais pelos teares, onde finalmente tomariam a forma das cobertas. Assim também as roupas e alguns tecidos eram fabricados manualmente pelas donas de casa, que passavam o conhecimento para suas filhas e assim os costumes prevaleciam de geração a geração.

Mas se plantavam, precisavam de ferramentas para o trabalho agrícola, e os comércios que foram surgindo se especializaram nas necessidades dos moradores do povoado. Os primeiros comércios que surgiram no Xixá, eram de grande variedade de produtos, vendiam desde pregos, ferragens até tecidos mais finos, alimentos, ração, entre outras curiosidades. Os comerciantes deviam ter em um pequeno espaço tudo aquilo que seu cliente necessitasse, unindo o útil ao agradável. Isto porque os moradores do meio rural iam à cidade, na maioria das vezes a cavalo, e pretendiam adquirir seus produtos, tomar uma “pinguinha”, conversar com os compadres, e voltar para os sítios e chácaras o mais breve possível. Não desejavam ficar procurando em um estabelecimento ou outro, para encontrar tudo o que estava necessitando no campo, a comodidade se aliava ao tempo útil, e nesses comércios o freguês encontrava de tudo.

Ao mesmo tempo foram surgindo bares e armazéns, que vendiam de tudo um pouco. A relação comercial nesses tempos eram mais amigáveis, o crédito era somente na palavra, ou mesmo no famoso “caderninho” que geralmente ficava guardado na gaveta, e quando o freguês pedia, o comerciante anotava na caderneta o valor que este devia pagar com determinado prazo. Como o povoado era pequeno geralmente as pessoas todas se conheciam, o prestígio dos moradores do meio rural era muito grande, quando vinham ao povoado, não faltavam cumprimentos e amigos para jogar uma sinuca e contar causos. Estas eram as diversões da maioria da população que viam no comércio não somente a possibilidade do lucro, mas antes de tudo visavam o convívio, as relações com as pessoas e o bem estar dos moradores. O Xixá cresceria, e com ele cresceria as relações comerciais, aumentariam os ramos e especialidades de cada tipo de comércio, surgiriam sorveterias, açougues, armazéns, botecos, e o comércio informal daria lugar ao comércio formalizado, as pessoas passariam a

investir mais no comércio a fim de ter um lucro e como meio profissional, investiam um capital esperando ter um retorno satisfatório, e para isso deviam registrar suas empresas em cartório.

Os primeiros registros cartoriais eram realizados na Cidade de Goiás, cidade a qual o povoado pertencia, posteriormente com a emancipação política, estes registros foram realizados no cartório da cidade. Os primeiros registros cartoriais datam de 1955, e através deles podemos perceber que era um comércio ativo, e abundante. As principais ruas da cidade abrigavam a maioria dos pontos comerciais, e eram bem próximos.

Dependendo do valor do capital de investimento, pagavam uma taxa de arquivamento de registro do comércio, os que investiam maior capital pagavam mais, os que investiam menos, pagavam menos e além desta tinha uma taxa fixa paga em selos federais. Depois de certo tempo, o registro dos comércios passou a ser isento de custos, o livro de registros a que tivemos acesso para a coleta de dados tem registros até o ano de 1968.

Paralelamente ao comércio do município, existiam o comércio nos Distritos de Itapuranga, podemos perceber o registro de pontos em Diolândia, Lages e Cibebe. Sem contar os comércios informais que ocorriam no meio rural, nas famosas “vendas” que vendiam bebidas alcoólicas e alguns produtos alimentícios para a população vizinha.

Toda essa movimentação econômica nos mostra os caminhos que levaram a cidade, os monumentos surgidos através dos tempos, as relações pessoais que foram construídas, as tradições e cultura de um povo que ainda tem forte sua crença, fé e seus costumes. Pode-se perceber como o econômico modifica o ambiente, o social, o cultural e a política.

Itapuranga, cidade movimentada nos tempos atuais, pelo comércio de lojas, confecções e pequenas indústrias, como a Usina Valle Verde, mas que ao longo de sua história percorreu um extenso caminho e diversidade de monoculturas e que desde os princípios viu na atividade comercial o meio para se manter através dos anos, sempre procurando atender as necessidades de seus felizes moradores.

Referências

BORGES, Barsanufu Gomides. *O Despertar dos Dormentes*. Goiânia: Cegraf, 1990.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

MENDES, J. M. Amado. *História econômica e social dos séculos XV a XX*. 2ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.

PESSOA, Jadir de Moraes. *A Revanche Camponesa*. Goiânia: UFG, 1999.

VIEIRA, Maria do Pilar; PEIXOTO, Maria do Rosário & KHOURY, Yara Aun. *A Pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1989.